

## VOGAIS NASAIS EM AMBIENTES NÃO NASAIS EM ALGUNS DIALETOS BAIANOS: DADOS PRELIMINARES<sup>1</sup>

Cirlene de Jesus Alves\*  
(Uesb)

Layane Dias Cavalcante\*  
(Uesb)

Vera Pacheco\*\*  
(Uesb)

### RESUMO

Esse trabalho objetiva descrever a realização de vogais nasais em ambientes não nasais da fala de sujeitos nativos das cidades de Ituaçu, Ibicaraí e Vitória da Conquista. Essas realizações nasais em ambientes não propiciadores diferem da proposta de Câmara Jr. (1970), a qual acena para uma nasalização ocorrida apenas pela influência de uma consoante nasal adjacente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonética, Fonologia, vogais nasais

### INTRODUÇÃO

A nasalização vocálica no PB, segundo proposta de Câmara Jr. (1970), pode ser fonológica ou fonética. Segundo esse autor, a nasalidade decorrente da assimilação, pela vogal, da nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte é uma nasalização fonética, que é meramente mecânica. Para tanto, Câmara Jr. (1970) assinala que uma nasalidade como de “ano”, “cimo”, “tema” e “uma” pode ser explicada através da co-articulação, não havendo oposição entre vogal nasalada e

---

<sup>1</sup> Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “Investigação fonético-fonológicas das vogais nasais em ambientes não nasais de alguns dialetos baianos”

\* Alunas do curso de Letras e voluntárias de Iniciação Científica.

\*\* Doutora em Lingüística. Professora do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista.

vogal oral. Quanto à nasalização fonológica ele ressalta que esta funciona para distinguir formas, como nas palavras “junta”, “cinto” e “lenda”, que se opõem à “juta”, “cito” e “leda”, respectivamente.

Câmara Jr. (1970) defende a natureza bifonêmica da vogal nasal fonológica (V+N), em que N é um arquifonema nasal. Ele encontra evidências para sua hipótese bifonêmica da vogal nasal no comportamento das consoantes em sílaba fechada por consoante. A vogal dita nasal, segundo ele, comporta-se como sílaba travada por consoante. Assim, não haverá, por exemplo, a fusão das vogais em lâ azul \* $[l̃ɛzu]$ , como ocorre em casa azul  $[kʌzɐzu]$ .

Outro fato que serve como prova é a realização exclusiva de /r/ múltiplo após vogal nasal, o que só ocorre se a sílaba for fechada por consoante como *honra*, *guelra*. E, por último, pela inexistência de hiatos nasalizados, o que aponta para a presença de um elemento interveniente. Logo, o lingüista defende que no PB não há uma nasalidade pura da vogal como ocorre no francês.

A explicação de Lopez (apud BATISTI; OLIVEIRA, 2001) para as vogais nasais do PB se assemelha à de Câmara Jr. (1970) diferindo somente na interpretação da natureza da consoante nasal pós vocálica. Para essa autora consoante nasal é de fato uma coronal que se manifesta no vocábulo derivado (fim-finar, bem-benefício) e não um arquifonema como propõe Câmara Jr. (1970).

Assim, nessa perspectiva, a realização da vogal nasal em PB está estritamente condicionada à presença de um elemento nasal adjacente à vogal, ocorrendo, portanto, um processo de assimilação de traço.

Nota-se, contudo, na fala dos sujeitos nativos de algumas cidades do estado da Bahia, uma nasalização de vogais, em princípio, em ambientes fonéticos não nasais, como se observa nas realizações de  $[i 'zɐmɪ]$  para *exame*,  $[i 'gɾɛʒɐ]$  para *igreja* e  $[id̃ɐ 'tʃi 'dad̃ɪ]$  para *identidade*, em que a ocorrência da vogal nasal não se explica pela proximidade de uma consoante nasal.

A partir dessa constatação, o presente trabalho tem por objetivo realizar um inventário das palavras que se realizam com vogais nasais em ambientes não nasais que ocorrem na fala de sujeitos nativos das cidades de Ibicaraí, Ituaçu e Vitória da Conquista, cidades do interior da Bahia e a partir desse inventário levantar ambientes propícios para a realização dessa vogal nasal.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Esse trabalho contou com uma observação de oitiva prévia das ocorrências de palavras em que continham vogais nasais em ambientes não previstos por Câmara Jr.

Em seguida, foram realizadas conversas informais com pessoas nativas de Ibicaraí, Ituaçu e Vitória da Conquista. Nessas duas fases da coleta dos dados não houve controle de faixa etária, escolaridade ou nível sócio-econômico.

A partir dessas observações, elaborou-se um corpus de palavras passíveis de sofrerem nasalização. Foi elaborado um conjunto de perguntas, cujas respostas prováveis seriam as palavras passíveis de nasalização sem ambiente fonético propício, doravante palavras-alvo.

Foram realizadas entrevistas com duas mulheres naturais de Ituaçu: MARS e MRS, (estudantes universitárias, de classe média, na faixa etária entre vinte e um e vinte três anos de idade).

Após escuta das gravações, foram realizadas análises fonéticas de oitiva das palavras-alvo que apareceram nas falas das informantes. As transcrições fonéticas foram realizadas com fonte IPA.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram constatadas nas conversas informais com falantes nativos de Ibicaraí, Ituaçu e Vitória da Conquista a realização de palavras com

vogais nasais em ambientes não nasais. A realização dessas palavras por esses falantes foi bastante espontânea e muito recorrente.

Foram levantadas nas conversas informais e nas entrevistas com duas informantes as seguintes palavras, conforme quadro 1 abaixo:

**QUADRO 1 – Transcrição fonética das palavras que apresentam vogal nasal sem ambiente nasal propiciador.**

[ɪgreʒɐ]	[ɪχɪʔadu]	[ɪʒɛnplu]	[ɪluminaʔsaw]	[ɪʃɪneʔariw]
[ɪgnɔʔrãntʃɪ]	[ɪχɛspɔnʔsavɛw]	[ɪʒãmɪ]	[ɪluʔdɪ]	[ɪʃɪnerãntʃɪ]
[ɪʔguaw]	[ɪχɛsisʔʃivɛw]	[ɪzɛmʔpla]	[ɪdɛntʃɪdadʒɪ]	[ɪluʔzaw]
[ɪχɛguʔla]	[ɪχɛspɪʔxavɛw]	[ɪzamɪʔnadu]	[ɪdɛntʃɪku]	[kũʔziɲɛ]
[ɪχasiɔʔhaw]	[ɪzɛnsaw]	[ɪzamɪʔna]	[ɪdʒɪʔoma]	[kũʔzidu]
[ɪχɛʔaw]	[ɪʒɛntu]	[ɪlisitu]	[ɪdʒɪʔota]	[ɪdolaʔtria]
[ɪχadɪãntʃɪ]	[ɪzoʔla]	[ɪleʔgaw]	[ɪʔkônɪ]	[ɪχɛkɔɲɛʔsivɛw]

Conforme transcrições apresentadas no quadro 1 acima, os falantes das cidades de Ibicaraí, Ituaçu e Vitória da Conquista realizam vogais nasais, a princípio, independentemente da presença de uma consoante nasal na adjacência. Assim, temos a realização de [ɪ'greʒɐ], para a forma [ɪ'greʒɐ], recorrente em outras comunidades lingüísticas.

A ocorrência dessa vogal nasal é, aparentemente, diferente da ocorrência de palavras como [ɪʔɪmu] em que a vogal nasal se justifica pela presença de um elemento nasal no coda silábico, como também difere, em absoluto, da vogal nasal que ocorre em [bɛ'nɛnɛ], cuja realização opcional se justifica pela assimilação, pela vogal, do traço nasal da consoante de onset da sílaba seguinte.

Contrastando esses ambientes com a nasalização que ocorre nas palavras-alvo, percebe-se que essas palavras não possuem nenhum e nem outro ambiente para explicar a realização da vogal nasal. Em outras palavras: as vogais nasais das palavras-alvo não se encontram em sílaba fechada por nasal, bem como não são seguidas por sílaba

iniciada por consoante nasal. Apesar disso, a vogal das palavras investigadas são auditivamente nasais.

Considerando ainda as transcrições fonéticas do quadro 1, têm-se que todas as palavras em que as vogais ocorrem nasalizadas independentemente de um elemento nasal são vogais altas quer anterior [ɪ'greʒe], [izẽnsãw], etc, quer posterior, como [kũ'zĩŋe], [kũ'zidu]. A nasalidade vocálica não foi registrada para outras qualidades vocálicas, constatação que acena para a hipótese de que esse processo esteja condicionado pela qualidade vocálica, qual seja, vogais altas.

A hipótese de que a qualidade vocálica é propiciadora da nasalidade é endossada por palavras como [ĩ 'zami], que, quando pronunciada sem o alteamento vocálico [e 'zami], possui a vogal oral e não nasal. Quando há o alteamento vocálico, ou seja, vogal média transforma-se em alta; tem-se então, um ambiente que licencia a ocorrência desse processo de nasalização.

As transcrições fonéticas acima mostram que a nasalização da vogal alta anterior quando ocorre em início da palavra com a função morfológica de prefixo de negação {in-} como em [ĩxegu'la], [ĩxespõn'savew], são perfeitamente explicáveis por uma extensão da realização fonética desse prefixo em palavras com *insensato*, *indelicado*, em que se tem V+N, justificando a realização da vogal nasal por assimilação de traço nasal da consoante nasal de coda.

Essa explicação não se aplica, contudo, àquelas palavras-alvo cuja vogal alta anterior não tenha a função morfológica de prefixo de negação como em [ɪ'greʒe], [ɪ'guaw], etc. Para esses casos não se sabe o porquê da realização nasal das vogais, bem como para aqueles casos de vogais altas posteriores no meio da palavra.

O inventário realizado nesse trabalho faz surgir novas perguntas: a nasalização de vogais altas anteriores não prefixos e vogais altas posteriores são decorrentes de processos fonológicos ou que essas palavras são registradas no léxico desse dialeto com vogais nasais

constituídas de V+N como outras palavras da língua? Essas e outras perguntas são objeto de investigação de trabalhos futuros.

## CONCLUSÕES

Os falantes das cidades Ituaçu, Ibicarai e Vitória da Conquista realizam vogais nasais em ambientes que a princípio não possuem consoantes nasais que favoreça a assimilação do traço nasal pela vogal.

Somente as vogais altas são passíveis de sofrerem esse tipo de nasalização e que a vogal alta anterior quando funciona como prefixo é realizada como prefixo {in-} mesmo que o ambiente fonético bloqueie essa realização.

As realizações de vogal alta anterior não prefixo e vogal alta posterior nasalizada no meio da palavra não se enquadram nesses casos, requerendo, portanto, maior investigação.

## REFERÊNCIAS

- BATISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda. (Org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. EDUPCRS, Porto Alegre:2001.
- CAMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.